

# Fala Favela

Edição 10 / Rio de Janeiro / Complexo do Alemão / Abril 2020 / Distribuição Gratuita

Foto: Bento Fabio  
Coletivo Papo Reto



PÁG. 3

**ORGANIZAÇÕES SOCIAIS  
DO COMPLEXO DO  
ALEMÃO NA LUTA  
CONTRA O CORONAVÍRUS**

## RECOMENDAÇÕES IMPORTANTES PARA SE PROTEGER DO CORONAVÍRUS

1. SE POSSÍVEL FIQUE EM CASA, SÓ SAIA PARA FAZER O NECESSÁRIO
2. LAVE BEM AS MÃOS COM ÁGUA E SABÃO E EVITE COLOCÁ-LAS NO ROSTO
3. EVITE LOCAIS AGLOMERADOS
4. USE MÁSCARA AO TER QUE SAIR DE CASA E LEVE ÁLCOOL EM GEL 70% OU UM RECIPIENTE COM ÁGUA E SABÃO PRA USAR NAS MÃOS
5. TROQUE DE ROUPA SEMPRE QUE CHEGAR EM CASA DA RUA, NÃO ENTRE COM O CALÇADO E FAÇA SUA HIGIENIZAÇÃO CORPORAL
6. EVITE COMPARTILHAR ITENS PESSOAIS
7. TENDE MANTER UMA DISTÂNCIA MÍNIMA DE 2 METROS DE OUTRAS PESSOAS

por Alan Brum Pinheiro

O atual contexto de pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2, causador da doença Covid-19, nos traz enormes desafios. Toda a sociedade tem sofrido grande impacto social, mas também econômico, cultural e psicológico, atingindo todas e todos sem distinção. Porém o grau desses impactos sobre as pessoas é muito distinto dependendo do lugar onde se mora e do poder aquisitivo que se tem.

A dívida histórica que temos perante grande parte da sociedade é enorme, sobretudo para as(os) moradoras(es) das favelas e outras periferias. A história nos mostra que o próprio surgimento de grande parte delas se deve à falta de políticas públicas de habitação, condenando essa população à suprir essa necessidade a partir de iniciativas próprias, pessoais, assim hoje temos grande conglomerados com poucos espaços entre as casas e dentro delas. A infraestrutura básica para as favelas também foi negligenciada por décadas pelo poder público que insistia em vê-las como provisórias e até hoje não há atendimento regular na distribuição de água, recolhimento do lixo e esgotamento sanitário, ou seja o saneamento básico ainda é tratado com ações fragmentadas e moeda de trocas eleitorais.

Portanto os contextos - histórico das favelas e da atual pandemia - não podem ser desvinculados neste momento de enfrentamento à Covid-19 nas favelas, pois existem diferenças em relação ao restante da cidade a serem considerados, as especificidades das favelas. O isolamento social, por exemplo, precisa ser tratado a partir da extensão da casa. A sociabilidade entre as pessoas mais intimista, se vivencia a relação com vizinho com laços maior de proximidade. Esse cenário nos aponta o desafio de uma comunicação mais próxima também, mais específica, mais vivida nas favelas, pois a comunicação oficial não atinge.

Nessa perspectiva o jornal FALA FAVELA apresenta uma edição especial sobre o enfrentamento ao novo coronavírus trazendo textos sobre a solidariedade dos grupos atuantes no Complexo do Alemão no atendimento às necessidades básicas da população, o problema histórico e crônico do abastecimento de água no Complexo do Alemão, o papel da mulher favelada em tempo de epidemia desde a época da Zika - mesmo sendo de outra envergadura - e um texto sobre a necessidade do isolamento social, apesar das dificuldades extras para quem mora nas favelas.

Hoje o enfrentamento da pandemia nas favelas passa pela comunicação local direcionada que tenha capilaridade e entendimento de suas especificidades - que também varia entre as favelas - além de denunciar a subnotificação dos casos de covid-19 e da quantidade de mortos, pressionando poder público a aumentar o investimento emergencial na área da saúde que atende as favelas.

O jornal FALA FAVELA, como sempre, vem contribuir com uma comunicação que agregue às outras ações de comunicação, no intuito de chegar mais próximo aos nossos pares, moradoras(es) do Complexo do Alemão e que juntas(os) possamos superar esse momento e nos reinventar para a construção de um mundo melhor e mais inclusivo.

Boa Leitura



Um dos cartazes da campanha informativa

## Juntos Pelo Complexo do Alemão

perspectiva de redução de danos, pois a rua é a vivencia a relação com vizinho com laços maior

# MEU NOME É FAVELA

## FAVELA VIVA!

por David Amen

O mundo tá vivendo uma pandemia sem precedentes. O novo Coronavírus (Covid19) é algo ainda inexplicável, ao mesmo tempo em que é assustador para muitas pessoas. Uma situação que exige cuidados excessivos e novos em nossas vidas. Não poder apertar a mão do(a) amigo(a), abraçar, evitar proximidade com outros(as) é, talvez, o momento mais difícil vivido pela humanidade. Não importa classe social, etnia ou gênero, todos(as) estão a mercê da contaminação. E nas favelas e periferias pode ser ainda mais agressivo, obviamente pela geografia e precariedade estrutural desses territórios.

Toda essa situação gerou uma preocupação ainda maior em várias pessoas e organizações que atuam nesses locais mais vulneráveis e se mobilizaram para, ao menos, diminuir os impactos nas vidas dos(as) moradores(as). Tem gente que arrecadou material de higiene e alimentos para distribuírem, outro(as) fazendo máscaras de TNT e vendendo a preço de custo, além de doarem à profissionais da saúde, atendimento psicológico online. Tudo pensando em transformar o isolamento social menos desgastante e dar condições eficazes para a vida continuar dentro do possível.

Ser solidário nesse momento é fundamental para que tanta gente possa se alimentar minimamente, pois muitos estão sem trabalhar e, conseqüentemente, sem recursos financeiros para comprar comida pra dentro de casa e sustentar a família. Há uma sensibilização geral tomando nossos corações fazendo com que muitas pessoas se exponham ao vírus para levar esperança até outras. Tomando todo cuidado para evitar o contágio, mas na linha de frente pelo próximo, pela dignidade humana.

O RAÍZES EM MOVIMENTO, junto com outras duas instituições (Ocupa Alemão e Educap), formam o JUNTOS PELO COMPLEXO DO ALEMÃO, e está atuando de forma colaborativa enfrentando o problema de frente e tentando ajudar quem realmente tá sofrendo os impactos das conseqüências dessa doença. Um Gabinete de Crise também foi criado e tem fortalecido bastante essa frente de trabalho já que tem compartilhado boa parte de suas doações com outros coletivos do Alemão. Juntos venceremos o Coronavírus!

**REFLEXÃO** (Texto originalmente postado no perfil pessoal do Facebook da autora\*)

*"Estamos vivendo dias difíceis, estamos vivendo, porém esperando dias melhores. Nunca vivemos algo parecido. É de fato perturbador. Não "poder" ir a um almoço de família, viajar, rever os amigos, ir trabalhar, ir pra escola, evitar contatos físicos... essas coisas simples. Enquanto isso nos noticiários só se vê os números de mortes crescendo.*

*Mas, o que precisa acontecer com a gente nesse momento de quarentena, além desse sentimento de solidão, privação e angústia?*

*Dar mais importância ao próximo deveria ser natural e não por causa de um vírus. Valorizar os momentos em casa com a família, deveria ser natural e não por causa de um vírus. Se compreender, se conhecer e se perceber no(a) outro(a) deveria ser natural e não por causa de um vírus. Acho que a palavra que cabe nesse momento é RESSIGNIFICAR. É transformar a atual realidade em algo bom, melhor pra si e pro outro, dar novo significado pro hoje, para o aqui e para o agora. Resignificar fases, momentos, pessoas e sentimentos.*

*Acho que viver é isso, é mudar.*

*Não somos os mesmos de ontem e nem os mesmos de amanhã. E que bom. Então, valorize pessoas e não coisas. Não desperdice a chance de viver algo bom. Dar e receber afeto é liberdade."*

\*Camila Lima - universitária, 31 anos, moradora do Complexo do Alemão

#covid19nasfavelas

## ÁGUA: VIOLAÇÕES DE UM DIREITO FUNDAMENTAL

por Gizele Ribeiro

Os moradores de um dos maiores conjuntos de favelas do Rio de Janeiro, o Complexo do Alemão, convivem diariamente com a escassez, irregularidade e má qualidade no fornecimento de água. É comum encontrar notícias nos jornais e em sites na internet relatando sobre este assunto.

Infelizmente, este problema não é de hoje, alguns moradores antigos relatam que no período de formação e ocupação do Morro do Alemão, que ocorreu entre as décadas de 40 e 50, alguns vizinhos de bairros próximos cediam água para aqueles que moravam na favela.

*"Dona Predina foi quem cedeu água lá da Rua Conselheiro Ribas para nós aqui na favela" (Rodrigues, 2013, p.45).*

Por muitos anos, acreditou-se que a ocupação das favelas nesta região era fruto de invações dos terrenos, mas segundo Rodrigues (2013), em seu relatório de pesquisa intitulado "Histórico Fundiário e da Urbanização do Complexo do Alemão", através de pesquisas realizadas, a legalidade no uso do solo se deu através de aluguel de chão pelos próprios donos do terreno ou carta de autorização que permitiam a construção dos barracos.

*"Mudamos para cá porque meu pai conseguiu uma carta para construir nosso barraquinho ali em cima....meu pai teve que pegar uma carta pra poder fazer nosso barraquinho" (Rodrigues, 2013, p.49).*

As favelas do Rio de Janeiro têm origem relacionada às reformas sanitárias urbanas que ocorreram na região central da cidade, expulsando a população pobre desta área, e também com a falta de atenção dos governos. Durante a leitura do relatório de Rodrigues é possível observar que o governo sempre se esquivou da responsabilidade em garantir os direitos desta população, colocando-as nas mãos de outros grupos, fundações e comissões de melhoramentos.

Nos anos 60, foram criadas as Associações de Moradores no Complexo do Alemão, a primeira delas foi a da favela Nova Brasília, que serviam de interlocução entre os moradores de favelas e o governo. As associações contavam com o apoio de vereadores e deputados para reivindicação de direitos que deveriam ser naturalmente garantidos à esta população.

Na década de 50, foram instaladas bicas públicas e as pessoas precisavam carregar água até as casas de modo a abastecê-las com água própria para o consumo. Com o passar dos anos foram ocorrendo algumas melhorias no sistema. Durante a década de 80, foram construídas cisternas para o sistema de água e sua rede de distribuição que foram geridos pelas associações de moradores. Aqueles que desejavam o abastecimento deveriam pagar e através das taxas de ligação e mensalidade pelo serviço, que eram cobradas, as associações ampliaram as redes de abastecimento.

A CEDAE contratou alguns funcionários para trabalharem na manutenção do sistema de água no Complexo do Alemão, mas com o passar do tempo não renovou este quadro, demonstrando a negligência com esta área. Ainda hoje, os moradores não possuem um fornecimento regular e com qualidade no abastecimento.

Segundo a pesquisa Juventudes em Movimento de 2019, 30% dos entrevistados consideram que a água que chega em sua residência é suja e muitos relataram ainda sobre a irregularidade no fornecimento. O horário de abastecimento normalmente ocorre durante a madrugada e muitas vezes ficam entre 3 dias ou mais sem ocorrer o fornecimento.

A água é um bem comum, sendo a mais básica das necessidades humanas, não é possível viver sem ela. É um direito de todos e assim sendo, todos deveriam ter fácil acesso, de modo regular e com qualidade. É inadmissível que ainda hoje as crianças, jovens, adultos e idosos tenham que caminhar longas distâncias e buscar água, armazenar em barris, latas e baldes para suas necessidades básicas. O abastecimento de água é considerado um direito básico, mas é violado de diversas formas nesta região durante todos estes anos.

## LAVEM AS MÃOS! COMO? AQUI NÃO CHEGA ÁGUA.

por Joice Cristh e Gabriel Lima

Neste momento difícil por qual a sociedade global passa, que é a pandemia causada pelo covid-19, o acesso a água limpa é fundamental, pois uma das medidas de prevenção é manter as mãos o máximo possível limpas/lavadas.

Mas infelizmente o acesso a água ainda é restrito para muitos. Embora o direito de acesso ao abastecimento de água de qualidade seja uma das garantias básicas que o Estado deve prover para os cidadãos, mais 40% da população mundial não possui acesso a um saneamento básico adequado e isso inclui a falta de acesso a água.

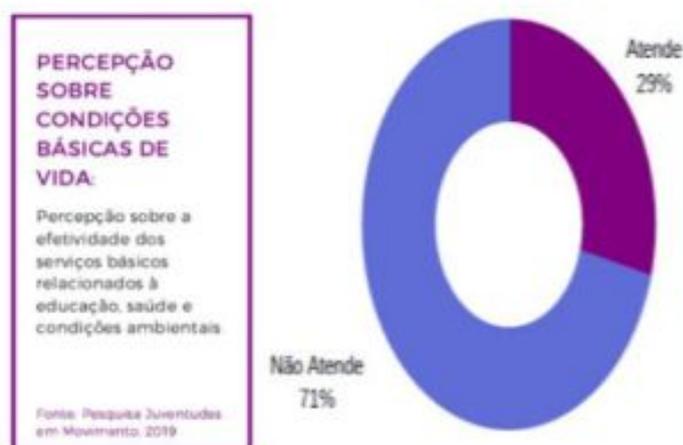
Quando falamos de Brasil, cerca de mais de 35 milhões de pessoas não possuem acesso à água de qualidade, ou seja, água potável com uma correta distribuição e de fácil acesso. E quando chegamos especificamente ao Rio de Janeiro, com sua população de 6,3 milhões de pessoas, cerca de 6,8% da população não possui acesso à água. No entanto, os números podem ser maiores, pelos seguintes fatores:

- Em localidades de difícil acesso, como áreas periféricas e favelas, as metodologias não conseguem abarcar a realidade da população.
- O acesso à água não pode ser confundido com acesso à água de qualidade.
- A prestação de serviços em localidades pobres não são feitas de forma adequada.

Aqui no Complexo do Alemão, por exemplo a distribuição de água feita pelo Estado e gerida pelas Associações de Moradores distribuídas pelas 13 favelas que compõe o Complexo, que realizam o serviço de distribuição através de manobras, não possuem estrutura para garantir o serviço a toda a população que padece com a precariedade do serviço.

Neste momento de Pandemia, não ter acesso à água se torna um grande obstáculo na prevenção da disseminação do Coronavírus, deixando as populações das favelas mais vulneráveis à contaminação. De acordo com a pesquisa Juventudes em Movimento realizada no ano

de 2019, a percepção dos moradores sobre as condições básicas de vida, entre as quais estão o fornecimento adequado de água, cerca de 71% dos moradores do Complexo do Alemão acreditam que as condições básicas não atendem ao que precisam.



Assim, mesmo com o acesso à informação sobre como se prevenir da doença, os moradores não possuem as ferramentas adequadas para realizar essa prevenção.

Nesse sentido, políticas públicas de urgência são necessárias para coibir o avanço da doença, além da solidariedade dos que possuem um abastecimento de água normalizado.

Por outro lado, devemos lembrar que esses problemas no Complexo do Alemão são históricos, onde ao longo do tempo foram se agravando e atualmente refletem na situação da Comunidade, porque o povo sempre sofreu com falta de acesso à água, bem como de um saneamento básico adequado, ou seja, sem esgotos tratados, acesso à água, falta de acesso à educação ambiental. Sem contar os problemas decorrentes do sistema de saúde precário.

Logo, fica evidente que se nossa comunidade tivesse todos esses direitos garantidos de forma eficaz, se o Estado realmente promovesse uma vida digna para a população das Favelas, esse momento de pandemia não nos deixaria tão vulneráveis.

## **SOBRE CUIDADO E EPIDEMIAS: REFLEXÕES A PARTIR DA FAVELA**

por Natalia Fazzioni

Um caminho para pensar os possíveis impactos da COVID-19 no Complexo do Alemão é o da reflexão sobre o cuidado. Um bom exemplo é a experiência da epidemia de Zika Vírus, em 2016. Ainda que seus impactos tenham sido bem menores em número de vítimas, eles foram concentrados em áreas periféricas. Embora não estivessem em uma política oficial de "isolamento" - como esta que vivemos agora - as mães das crianças afetadas pela Zika no Complexo do Alemão estavam "isoladas" por vários motivos: viviam em uma favela com ausência de serviços e estrutura; não se encaixavam nos benefícios sociais existente na época; os médicos sabiam pouco ou nada sobre a doença de seus filhos; haviam deixado de trabalhar para cuidar daquelas crianças; muitas haviam sido abandonadas pelos companheiros após o nascimento dos filhos; entre outros. E, mesmo assim, cuidaram de suas crianças.



Não há dúvidas de que as tarefas de cuidados são socialmente vistas como uma tarefa feminina. Algumas autoras têm caracterizado o cuidado enquanto um "trabalho" que muitas mulheres assumem sozinhas em suas casas. As brasileiras, em média, já trabalham 8 horas por semana a mais que os homens, se considerarmos o trabalho doméstico, e isso pode duplicar no contexto da pandemia atual. É preciso então entender que o cuidado não deve ser visto como algo limitado à esfera da vida privada, mas sim como um debate público, necessário para a efetivação de uma sociedade justa e democrática.

A biomedicina nos promete um cuidado racional e individualizado, que nos proporciona uma sensação de imortalidade, de controle sobre a natureza e suas variáveis. E devemos seguir suas recomendações! Porém, "enquanto a vacina não chega", continuaremos apostando em um modelo de cuidado essencialmente feminino e da vida privada? Quantos arranjos são necessários cotidianamente para que o cuidado ocorra? Por que não falamos publicamente sobre isso?

O cuidado é uma atividade essencial ao mundo, com a qual nos deparamos diariamente e que, entretanto, é minimizada, muitas vezes, como um "probleminha pessoal". A atual pandemia nos coloca este problema de forma ainda mais escancarada. Assim, em uma perspectiva mais otimista, essa talvez seja a chance da humanidade de "pôr o rabo entre as pernas" e aprender com aquelas que sempre tiveram consciência de seus muitos "isolamentos", como as mães da favela, sobre como é difícil arranjar o cuidado quando ele é visto enquanto algo tão pequeno diante do mundo e suas outras demandas, sempre mais urgentes.

### **Bibliografia**

DINIZ Débora. Zika: do sertão nordestino à ameaça global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2016.  
FAZZIONI, Natália. Nascer e morrer no Complexo do Alemão: políticas de saúde e arranjos de cuidado. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

## FIQUE EM CASA (SEMPRE QUE POSSÍVEL)

por Thiago Matioli

Desde que o COVID-19 chegou para ficar, mesmo que ninguém tenha convidado ele, a orientação dada para a população foi clara e definitiva: Fique em casa!

Não se trata de um luxo, ainda que nem todo mundo possa fazer isso. Seja por necessidades financeiras, seja por conta da importância do seu trabalho. Essa pandemia vai mudar muito nossos hábitos e já nos chamou a atenção para coisas que deveriam ser percebidas, mas não são, como o real valor das pessoas. Por exemplo, numa situação como a que estamos passando agora, deveríamos nos tocar, de uma vez por todas, que o auxiliar de serviços gerais é tão importante quanto o médico. O “pessoal da limpeza” merece demais o nosso respeito e gratidão! Primeiro ponto: reconhecer o papel de todas as pessoas envolvidas no combate ao novo Coronavírus.

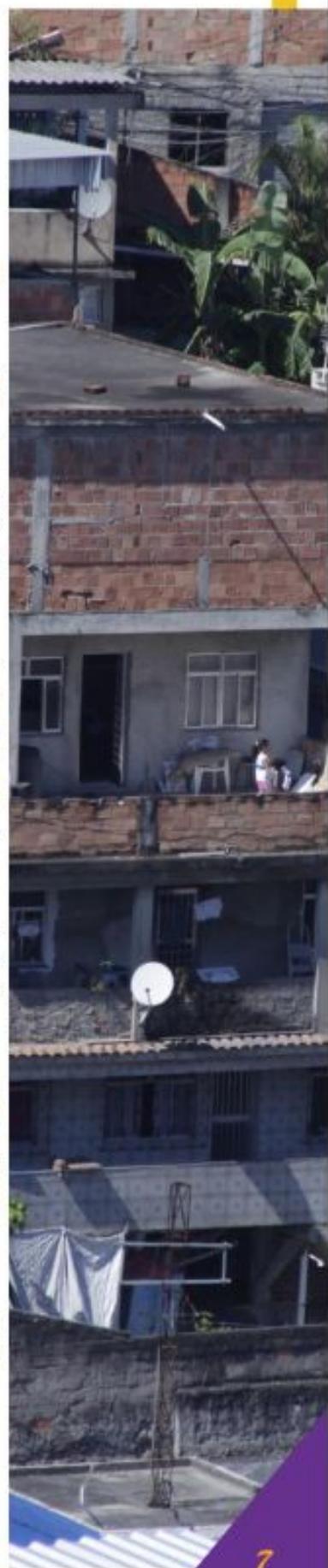
Aos que podem ficar em casa, é preciso entender que esse não é um momento privilegiado para o crescimento pessoal e desenvolvimento espiritual. Não romantizem essa quarentena! Esse é o segundo ponto. Se você está fazendo algo realmente útil para você, guarde para si, pois tem muita gente que ainda está pegando ônibus lotado, circulando de moto e fazendo entregas ou pesquisas médicas. Isto é, se expondo ao vírus para o bem estar geral ou para não passar perrengue de grana em casa. Isso não é uma escolha, como a sua meditação ou seus novos dotes culinários, recém-descobertos.

Há também os que estão em casa e, sem que tenha sido uma escolha, passaram a receber menos de um terço de seu salário, de uma hora para outra. Então, por favor! Não romantizem a quarentena. Ela é fruto de uma tragédia, não uma condição astrológica que vai permitir que você se reinvente. É uma tragédia social e não apenas natural.

Terceiro ponto. Já que as condições para que o vírus se espalhasse foram construídas ao longo do tempo. Principalmente, pela ganância econômica, sobretudo do agronegócio e da indústria farmacêutica, que impacta também na redução dos direitos da população. Não se trata, ainda, de uma Guerra entre Deus e o Demônio. Orações não vão varrer o COVID-19 do mapa, mesmo que possam trazer a serenidade necessária para enfrentar esse momento difícil.

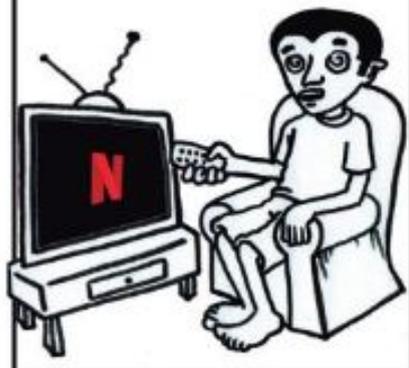
“Dai, pois, a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22:21). O vírus é Fruto apenas da ação humana. As religiões trazem o conforto espiritual necessário, mas não podem substituir as recomendações de saúde necessárias.

Portanto, ore! Mas, fique em casa!! (Sempre que for possível).



# ARTE

Zé Pretinho em: Não caia no tédio



Wallace Bidu

## EXPEDIENTE

### INSTITUTO RAÍZES EM MOVIMENTO

End.: Avenida Central, 68  
Complexo do Alemão - RJ  
Tel.: 21 2260-3998

### JORNAL FALA FAVELA

Projeto Gráfico: David Amen Ilustração: Wallace Bidu Colaboradores(as): Alan Brum, Bento Fábio, Gisele Ribeiro, Hector Santos, Joice Cristh, Natália Fazzioni, Renato Tutsis, Ricardo de Moura e Thiago Matioli  
Tiragem: 2000 exemplares

Distribuição Gratuita

Realização

**igase.**

Instituto  
**RAÍZES em  
MOVIMENTO**

Patrocínio

 **IDRC | CRDI**

International Development Research Centre  
Centre de recherches pour le développement international

Canada